

# UM GLOBO DE LUZ EM COIMBRA, EM 1162<sup>1</sup>

A. E. MAIA DO AMARAL<sup>2</sup>

Segundo os melhores cronistas, foi em Tardinhade (freg. Ganfei, conc. Valença do Minho) que nasceu, por volta do ano de 1082, um rapaz a quem puseram o nome de Teotónio. A sua educação começará na escola anexa à Sé de Coimbra, para onde vem quando o seu “tio” D. Crescónio toma posse da mitra conimbrigense. Aí conhece o arcediogo D. Telo, que terá um papel muito importante não só na sua educação, como, mais tarde, ao convidá-lo para o pequeno grupo dos fundadores do mosteiro da Santa Cruz.

A sua vida é hoje bem conhecida, já que dispomos de um relato literário, a *Vita* anónima, de finais do século 12, além da lição das crónicas e dos documentos notariais da época: por morte do seu parente D. Crescónio, Teotónio é colocado na Sé de Viseu, então sob a administração da diocese de Coimbra. “Nomeado pelo bispo conimbrigense D. Gonçalo, veio finalmente a ocupar, antes de julho de 1110, o cargo de prior daquela Sé” (Cruz 1984, p. 41).

As provas dadas à frente do Cabido viseense, valeram-lhe o convite para assumir a dignidade episcopal, que recusou: era Teotónio pessoa mais talhada para o misticismo da clausura do que para os negócios do bispado; da leitura da sua biografia, apercebemo-nos da sua severa religiosidade mas também de alguns dotes menos vulgares, sejam naturais ou adquiridos: atribuem-lhe, além de outros, os poderes de expulsar os demónios, de perscrutar as consciências e de curar pela imposição das mãos<sup>3</sup>.

O primeiro contacto que reconhecemos na vida de Teotónio com o que hoje chamaríamos fenomenologia *ovni data*, provavelmente, de uma das peregrinações que realizou à Terra Santa. Navegando ele no Mediterrâneo,

“de repente se escureceu o Céu e uma obscura nuvem, com violência de ventos e estrondo terrível, os deixou em trevas (...) e o que é mais admirável, subia a água do mar para cima por manifesto canal, que os navegantes chamam Cifo (...) além d’isto, se augmentava o medo da morte com a vista de uma mui terrível e monstruosa besta, que a todos encheu de medo (...)

---

1 Texto que ficou inédito, escrito sob pseudónimo para a revista da CNIFO, cerca de 1980.

2 Diretor-adjunto da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

3 Para uma extensa análise destas características no relato do discípulo anónimo, ver Freire 1984, p. 102-105.

e não achavam algum monstro a que a pudessem comparar (...) uns diziam ser Dragão, outros um monstro desconhecido, outros a reputaram pelo mesmo demónio<sup>4</sup>.

Que animal poderia ser este, tão bizarro que nem os experientes marinheiros o souberam classificar, apesar do vastíssimo repertório de criaturas, providenciado pelas suas vivências, pelas lendas Antigas e pela fértil imaginação medieval? O cronista diz que desta “besta” se viam só uns “olhos” que, “como nos dizia o santo [Teotónio] eram como fochas de fogo acensas” (Encarnação 1855, l:xi, 1). Tudo se teria, então, resumido a duas fortes luzes no meio de uma turbulência marítima? A ser assim, são às centenas os modernos paralelos ovnilógicos, enquanto, pelo contrário, não são fáceis de lhe encontrar protótipos estilísticos. A utilização com intenções factuais de um texto como a *Vita Sancti Theotonii*<sup>5</sup> será sempre problemática. É sabido que o chamado “maravilhoso” ocupa lugar importante neste género de textos hagiográficos, ecoando tradições literárias que remontam ao mundo clássico e aos textos bíblicos. Em regra, trata-se de um “maravilhoso” estandarizado, decorativo, obedecendo a propósitos edificantes. Mas, então, qual o valor que podemos dar a estas informações que nos chegam através das hagiografias? Geralmente, em nossa opinião, um valor meramente cultural: por exemplo, se uma determinada fonte portuguesa do ano 1200 nos descreve o “aparecimento prodigioso de três sois na Arábia” cinquenta anos antes, pelo menos de uma coisa podemos estar certos: que a visão de três sois simultâneos no céu era considerado um “prodígio” no Portugal de 1200... e será esse facto cultural que é relevante. Apesar disso, e no caso presente, inclinamo-nos a pensar que possam ser factuais alguns prodígios relatados na *Vita Sancti Theotonii*, sem prejuízo das limitações do género hagiográfico em que a obra se insere.

Como demonstra Geraldês Freire, o seu autor anónimo é, em numerosas outras matérias onde temos confirmações históricas, perfeitamente fiel. Teria sido um dos discípulos mais novos de Teotónio, testemunha dos últimos anos da sua vida e talvez, mesmo, seu companheiro durante a segunda peregrinação à Terra Santa<sup>6</sup>. Além disso, escreveu pouco depois da sua morte<sup>7</sup> e os críticos concordam em que o seu relato “onde nada nos faz suspeitar de contrafação ou acrescento de época mais tardia” (Freire 1984, p. 116) tem sido considerado uma descrição testemunhal digna do maior crédito.

---

4 Encarnação 1855, l:x-xi. Para simplificar, não faremos as citações da *Vita* a partir do texto latino original mas da versão portuguesa de Joaquim da Encarnação, mais acessível e que tem a vantagem de estar subdividida em grupos e parágrafos.

5 De seu título completo *Vita beatissimi domni Theotonii primi prioris monasterii Sanctae Crucis Colimbriensis*, é um texto onzcentista cujo único manuscrito presentemente conhecido é um cópia de 1476; pertenceu à Livraria do Mosteiro de S. Cruz, onde foi copiado, e conserva-se na Biblioteca Pública Municipal do Porto. Para a descrição do manuscrito, das suas traduções e edições, veja-se Cruz 1984, especialmente p. 24-30.

6 É nítido que conhecia *de visu* a Palestina e o itinerário, que descreve pormenorizadamente.

7 O prefácio parece redigido logo em 1162, à data da morte. A referência que no texto se faz ao ofício de S. Bernardo (só canonizado em 1172) não pode considerar-se um *terminus post quem* porque os monges de Claraval já celebravam o seu culto, na qualidade de fundador da Ordem.

É à luz destas considerações que vos passamos a apresentar a descrição do fenómeno que esse texto nos diz ter acontecido no dia 17 ou 18 de fevereiro de 1162:

“Mas, e antes que tivesse partido desta vida [S. Teotónio], foi visto descer do céu até ao meio do claustro [de S. Cruz] um imenso globo pontilhado de estrelas, de celeste luz fulgurante e de tal modo envolto por raios de luz [que eram] atirados à distância e em redor, que em todos sem exceção provocou admiração”<sup>8</sup>.

Hoje, só podemos lamentar a pressa do cronista em dar fim ao livro, privando-nos de informações mais detalhadas sobre um fenómeno tão curioso.

Contudo, a tradução portuguesa que apresentamos perde muito para o original latino, língua que, como é sabido, se cultivava em excelente nível no mosteiro de Santa Cruz. A precisão do vocabulário ali usado, permite-nos uma imagem muito mais vívida deste globo: desde logo era “*immensus*”, o que, pensando nos objetos vivos/inanimados que se conheciam na Idade Média, poderia ser qualquer coisa em torno dos 10 metros de diâmetro ou mais. E para que pudesse ter descido no meio do claustro, não poderia ultrapassar os 40 metros. Para o globo se dizer “*stellarum*”, poderia ser escuro com muitos pequenos pontos de luz? É o que adiante parece confirmar a palavra “*siderius*”: em português apenas podemos traduzir por “celeste” (vindo do céu, relativo ao céu), mas em latim “*siderius*” referia-se especificamente ao céu noturno, com seus astros e constelações, portanto, escuro e pontilhado de luzes tremeluzentes (“*lumine coruscans*”) ou pulsantes, ou piscantes, ou então em *flashes*, conceito todavia de tal modo estranho às testemunhas, que só desta forma “*coruscans*” o podiam descrever. Mas, o que ainda nos parece mais notável é a escolha de palavras do cronista anónimo para descrever os raios de luz emitidos pelo globo: a primeira dúvida é se, ignorando-se na Idade Média o sentido de “raio de luz” que hoje nos seria mais familiar, o cronista não queria falar em “raios” entendidos como linhas entre o centro e a circunferência do dito globo? Claramente que não, pela aposição do adjetivo “*jaculans*”, que significa é emitido, lançado. Não eram, portanto, interiores estes raios, eles saíam do globo, em cima e para os lados (“*eminus et in circa*”), revestindo-o completamente (“*amicta*”). Pode tratar-se dos enigmáticos “raios de luz sólida”, lentamente emitidos e recolhidos por objetos que hoje associamos ao fenómeno ovni?

Em memória deste fenómeno, o globo de luz tornou-se um dos atributos de Teotónio, quando veio a ser canonizado como o primeiro Santo português, logo no ano seguinte de 1163.

Este “milagre” teria tido decisiva influência na sua canonização, sobretudo se tiver sido avistado por um grande número de pessoas fora do Mosteiro: como se escreverá muito mais tarde:

---

8 “33. *Sed et priusquam de seculo exiret, immensus quidam stellarum globus visus est de celo [sic] ad medium claustri descendisse, ita sidereo lumine coruscans, et ita eminus et in circum amicta radios suos jaculans, ut cunctos in admirationem converteret*” (segundo a leitura de *PMH, Script.* p. 88).

[O globo] “à vista de toda a Cidade, e suas vezinhanças, tornou a subir ao mais alto, até se perder de vista”<sup>9</sup>.

Infelizmente, para este avistamento público não se indicam quaisquer fontes, podendo tratar-se de invenção setecentista.

## BIBLIOGRAFIA

**CAÇÃ, M.**, pseud. (1761) Vida do glorioso padre S. Theotónio... In: Encarnação, J. *Notícia dos Santos protectores de Coimbra*. Coimbra, Officina da Academia Liturgica, p. 7-46.

**CRUZ, A.** (1984) D. Teotónio prior de Santa Cruz : o primeiro cruzado e primeiro Santo de Portugal. In: SANTA CRUZ DE COIMBRA DO SÉCULO XI AO SÉCULO XX : ESTUDOS... Coimbra, s.n. (Gráfica de Coimbra), p. 21-58.

**ENCARNAÇÃO, J.** (1855) *Vida do admirável padre S. Theotonio ... com aditamentos*. 2ª ed. corr. Coimbra, Impr. da Universidade. Reimpr. fac-sim. Coimbra, imp. 1982.

**FREIRE, J.** (1984) Problemas literários da ‘Vita Sancti Theotonii’. In: SANTA CRUZ DE COIMBRA DO SÉCULO XI AO SÉCULO XX : ESTUDOS... Coimbra, s.n. (Gráfica de Coimbra), p. 85-117.

---

9 Caçã 1761, p. 42.